

UM ENSAIO SOBRE OS ENSAIOS: AS MASCULINIDADES NA ATUALIDADE

A frase que abre o prefácio do livro intitulado “Ensaio sobre Masculinidades na Atualidade”, organizado por Rosane Mantilla de Souza, Plínio de Almeida Maciel Jr. e Edson Luiz Defendi, publicado em 2022, poderia ser facilmente a metáfora que explica meu trabalho com homens e masculinidades: “se você quiser compreender alguma coisa, simplesmente tente mudá-la”. A frase é de Urie Bronfenbrenner e pode ser uma metáfora ao que me propus há pouco mais de dois anos, nas militâncias feministas, fui provocada a compreender quem era esse homem que performava (Judith Butler, 2016) uma masculinidade hegemônica (Raewyn Connell, 2003). Trago essas duas autoras de epistemologias diferentes para demonstrar que nas militâncias dialogamos, mesmo quando não concordamos. E não foram poucas as *minas* que não concordavam com a provocação em que caí. Mas segui. E tal experiência, ou tais experiências, só foi possível na atuação com homens em grupos reflexivos de gênero, primeiro como parte da equipe reflexiva, depois como facilitadora (Beiras & Bronz, 2016). Foi então que entendi que para compreender era necessário propor mudanças.

Contudo, nenhuma compreensão-mudança é possível sem uma prática fundamentada em epistemologias. A epistemologia em questão é o Construcionismo Social. Quando você usa as lentes construcionistas o mundo inteiro vira um grande amontoado de pecinhas que se organizam e se desorganizam por meio das relações que as pessoas constroem cotidianamente. Por meio destas lentes que realizei a leitura do livro *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*, organizado por Rosane Mantilla de Souza, Plínio de Almeida Maciel Jr. e Edson Luiz Defendi (2022), com capítulos que seguem essa metáfora das pecinhas.

A primeira delas é apresentada no capítulo 1, que foi escrito por Plínio de Almeida Maciel Júnior, intitulado “Os estudos críticos das masculinidades e seus reflexos na produção de conhecimento e na prática da psicologia clínica”. O autor inicia o texto promovendo sua história com os estudos críticos das masculinidades e como esse campo foi tomando corpo ao longo dos anos. É interessante perceber como as narrativas das pessoas que estudam e trabalham com questões relativas ao gênero apresentam muitas ressonâncias. Sinto-me acolhida sempre que leio histórias em textos acadêmicos que me deslocam das narrativas modernas que desejam ser neutras. Maciel dá continuidade ao seu texto com um resgate histórico sobre o conceito de Gênero, de como este inicia sua trajetória como categoria para falar da experiência das mulheres e, com o transcorrer histórico, aos poucos passa a tratar também dos homens e de outras expressões identitárias. Para tanto, o autor apresenta um panteão de deusas feministas e suas contribuições epistemológicas para o campo dos estudos de gênero. E, por falar em campo, Maciel problematiza se o trabalho acadêmico com homens e com masculinidades pode ser considerado um campo de estudo. Não pretendo trazer a resposta a este questionamento nesta resenha,

**HAIRA DA SILVA
BALDANÇA**

Psicóloga e Feminista

mas apresentar como o autor consegue organizar textualmente o conceito de masculinidade hegemônica proposto por Raewyn Connell (2003), bem como as críticas a ele, de modo a parecer que estamos participando de um debate com as próprias teóricas apresentadas ao longo do texto.

O capítulo 2, intitulado “Depende de quem você é e de como você faz: sobre o gênero na entrevista qualitativa de pesquisa”, escrito por Rosane Mantilla de Souza, coloca no campo prático as reflexões epistemológicas do capítulo anterior: a entrevista com homens. A autora apresenta duas ameaças que os homens vivem ao serem convidados a participar de uma entrevista para fins acadêmicos: 1. a ameaça da pesquisa em si; 2. as ameaças relativas a quem está entrevistando e do que trata a entrevista. É interessante compreender como os homens ainda não estão acostumados a serem “objetos de pesquisa”, a estarem do outro lado do fazer acadêmico. A principal contribuição do capítulo é acolher a necessidade de generificar o corpo dos homens nas pesquisas e isso requer prestar atenção não apenas às respostas, mas também como as respostas são construídas (os desconfortos, os gaguejares e outras inquietações).

Em seguida, Marcela Cordeiro Felix de Lima, apresenta o capítulo “Relacionamento amoroso: gênero e socialização sexual no mundo contemporâneo”. Aqui encontrei uma importante contribuição para uma nova praticante do Construcionismo Social, a problematização sobre a hipermodernidade e os efeitos nas relações. Lima condensa o pensamento de Lipovetsky e o modo como o autor ajuda a repensar a construção das identidades na contemporaneidade. São essas identidades que irão promover relações amorosas distintas daquelas apresentadas pelas narrativas da modernidade, e que nós, na condição de profissionais que trabalham com relações de gênero, precisamos estar atentos para seus deslocamentos e suas novas configurações.

Esses novos deslocamentos e tantas outras possíveis configurações não estão restritas aos relacionamentos do binário homem-mulher. Se a hipermodernidade produz novas formas de existir, é preciso trazer luz a outras possibilidades de relacionamentos. É o que Edson Luiz Defendi vai promover no capítulo 4, “Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT”, em que apresenta os resultados de sua tese doutoral. De modo resumido, o autor apresenta os desafios de jovens masculinos homossexuais na comunidade LGBT e suas reflexões a partir das experiências vividas nos atravessamentos e performances de gênero entre homens e gays.

Outras experiências são compartilhadas nos capítulos seguintes. O capítulo 5 é provocativo desde o título: “Quando você é moleque e tá na rua é bandido. Quando é adulto, é uma bênção sexual: masculinidades e raça na prostituição de luxo masculina”, escrito por Renato Caio Silva Santos. O capítulo seguinte, escrito coletivamente por Natália Nigro de Sá, Lucas Thiago Pereira da Silva e Regina Szylit, tem como título “Masculinidades e o contexto dos cuidados paliativos pediátricos: uma perspectiva de gênero”. Já o capítulo 7 traz a curiosidade de “Quando o cônjuge acompanhante da expatriação é o homem”, sendo escrito por Lectícia Maria Zambrano de Araújo Raposo. Estas três narrativas dão a dimensão de como outros olhares para outros cotidianos relacionais promovem diálogos que poderiam não existir se as categorias de gênero e masculinidades não fossem promovidas como categorias analíticas, mas também, políticas.

Para quem trabalha com masculinidades no campo das políticas públicas, os capítulos seguintes podem contribuir para a ampliação do debate teórico-metodológico, pois provocam a reflexão sobre elas a partir de como os homens se relacionam com: dinheiro (capítulo 8, “Masculinidades, gênero e dinheiro”, de Valéria Maria Meirelles); trabalho (capítulo 9, “Ao volante, eu sou um homem: gênero, masculinidades e trabalho”, por Sonia Ligia Angélico e Ronald Setton); e paternidade (demais capítulos). São temas comuns a quem trabalha com homens autores de violência doméstica, pois sempre existe a discussão sobre o homem como provedor financeiro e, portanto, aquele que deve trabalhar para trazer o sustento para a família e, em especial, para os filhos.

Deixei para falar sobre a paternidade de modo separado, pois trata-se de um tema que me é caro, e os capítulos trouxeram luz para as minhas discussões, afinal sou uma mulher, estudo as masculinidades e minha relação com a paternidade é a experiência que tenho com o meu pai. São cinco capítulos que tratam da relação dos homens com o exercício do cuidado com os filhos, em contextos distintos, mas com muitas conexões. Carlos David de Freitas e Rosane Mantilla de Souza discutem, no capítulo 10, “A guarda judicial pleiteada e concedida ao pai”, sobre a experiência no contexto jurídico em que a guarda dos filhos é concedida ao pai. No capítulo 11, “Quem escuta e quem diz o não: os padrastos em ação”, Maria Thereza de Alencar Lima aborda os lugares que os padrastos ocupam no cuidado com as filhas e os filhos das companheiras com quem estão se relacionando. É interessante perceber nestes dois capítulos os novos olhares para aspectos singulares da hipermodernidade, de novas configurações familiares e seus efeitos nos corpos dos homens.

No capítulo 12, Vera Lúcia Moris aprofunda o olhar ao trazer “Considerações sobre alguns desafios de homens pais homossexuais”, por meio da experiência com grupos de apoio para esta população, tendo como um dos desafios a reformulação de projetos de vida distantes das referências heterossexuais. Nesse sentido, essas “novas” referências podem ser chamadas por uma única palavra: cuidado. Na minha experiência com grupos de homens, essa talvez seja a palavra mais difícil para os participantes construírem algum sentido. Digo isso, para trazer à tona o capítulo 13, intitulado “Particularidades da paternidade quando o filho tem uma enfermidade crônica”, escrito por Erika Campos Gomes. Aqui podemos ter um contato direto com as dificuldades de ser um cuidador, pois os homens estarão em contato direto com aquilo que foram treinados a negar, a impotência. Não a sexual, mas a de conseguir dar conta, de resolver algo.

Conectado a isso está o processo de luto, quando um homem perde um filho. No último capítulo, “Quando um homem perde um filho: gênero e vivência do luto”, é possível sentir a fragilidade vivida pelos homens nas palavras escritas por Fabíola Mancilha Junqueira e Maria Helena Pereira Franco. Embora seja uma escrita acadêmica, compreender que a morte - algo inevitável - seja dimensão com a qual não apenas os homens, mas toda a cultura ocidental, não consegue lidar com tanta facilidade, é algo inquietante. Para os homens, é um sentimento não reconhecível.

Para finalizar esta resenha um sentimento que é muito reconhecível: desejo. Desejo que quem queira estudar homens e masculinidades tenha acesso a este livro, pois ele contribui com múltiplos olhares, diversas experiências e inúmeros afetos, não apenas para o cotidiano de trabalho, mas para todas as práticas sociais em que a pessoa constrói suas relações. Após a leitura, saio transformada.

REFERÊNCIAS

- Beiras, A. & Bronz, A.** (2016). *Metodologia de grupos reflexivos de gênero*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Butler, J.** (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- Connell, R.** (2003). *Masculinidades*. México: UNAM-PUEG.
- Souza, R. M., Maciel Jr. P. A., & Defendi, E. L.** (Orgs.) (2022). *Ensaio sobre masculinidades na atualidade*. São Paulo: EDUC, 2022.
-

HAIRA DA SILVA BALDANÇA

Psicóloga formada pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), mulher, feminista, atua e estuda homens e masculinidades em contexto de violência doméstica na política pública de Assistência Social.

<https://orcid.org/0000-0002-5933-2953>

E-mail: haira@edu.univali.br